

## Com quantos exílios se faz um estrangeiro?<sup>1</sup>

Cláudia Cristina Antonelli<sup>2</sup>

**Resumo:** O início do artigo aborda e articula os principais conceitos da literatura psicanalítica acerca do tema proposto. Em seguida, a autora apresenta breves passagens dos conteúdos, frutos de seu encontro com os sujeitos da pesquisa: cinco ‘estrangeiros’. Ao final, tece um breve diálogo entre a teoria e as falas desses sujeitos, com o uso da escuta psicanalítica enquanto ferramenta de compreensão investigativa. Argumenta, por fim, a respeito do movimento de ir e vir entre nações, tão presente na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** estrangeiro; pesquisa em psicanálise; exílio.

Deparei-me recentemente com esta passagem a seguir, que fez parte das palavras pronunciadas por Fernando Urribarri (psicanalista argentino) por ocasião do enterro de André Green, em 27 de Janeiro de 2012, em Paris, posteriormente publicada em um dos volumes do *Jornal de Psicanálise* (Urribarri, 2012, p. 245):

*A improvável amizade entre um portenho, bisneto de bascos e judeus russos, filho do movimento psicanalítico argentino, com um judeu nascido no Cairo descendente de espanhóis e egípcios que decidiu seu desejo de ser um grande psicanalista francês. Uma paixão freudiana com sede em Paris. E pontes com Buenos Aires.*

De uma parte, Urribarri parece falar de sua amizade com Green – cujas fronteiras e diferenças mais pareciam uni-los que separá-los; com distâncias que se evidenciavam talvez menos intimidantes, tornando-os, eles mesmos, possivelmente algo *menos estrangeiros* um para o outro. De outra parte, esta passagem, apesar de muito breve, evoca uma imensa gama de registros culturais e referenciais distintos: portenho, bascos,

<sup>1</sup> Artigo inspirado na temática abordada pela autora em sua dissertação acadêmica, intitulada *O sujeito estrangeiro: uma escuta psicanalítica de algumas experiências multiculturais contemporâneas*, orientada pelo Prof. Dr. Luis Claudio Figueiredo, junto ao Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), defendida em Novembro-2013, posteriormente transformada no livro *O Estrangeiro – Eu e você*, Berlim: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

<sup>2</sup> Psicóloga, especialista em saúde mental, mestre em psicologia clínica (PUC-SP), candidata em formação psicanalítica (GEP-Campinas, SP). Formada em Idiomas Estrangeiros pela ONU (Genebra).

judeus russos, movimento psicanalítico argentino, judeu, Cairo, espanhóis, egípcios, psicanalista francês, paixão freudiana, Paris e, finalmente, Buenos Aires.

Estamos falando de origens, referências, deslocamentos, pertencimentos, identidade. Estamos falando do tema deste artigo. Ou ainda, proponho, do grande tema da contemporaneidade.

Não somente porque hoje um grande número de pessoas vive a experiência – curta, longa ou definitiva – de ‘ser estrangeiro’, em diferentes locais do mundo; ou porque podemos facilmente observar que a troca globalizada de bens, línguas, culturas, artes, conhecimentos, costumes, ciências e outros fazeres humanos nos mostram, dia após dia, impactos irreversíveis em nossas vidas. Mas, sobretudo porque, me parece, na esfera psíquica humana – a qual afinal atravessa todos seus outros fazeres –, também teríamos um impacto irreversível. Mas qual este impacto? *Qual a presença, influência, dimensão*, deste vai e vem pelo mundo, em nossas subjetividades? Das partidas, das chegadas, das perdas, das construções, das mutações *identitárias*. Portanto, não tanto o deslocamento externo, mas, sobretudo, “interno” (até onde a dicotomia é possível). Esta foi a pergunta que engatilhou esta pesquisa, culminada em um livro.

A tão discutida globalização, ainda que seu atual ápice histórico lhe conceda um forte aspecto contemporâneo, não é de agora. O deslocamento humano sempre existiu. Desde sua origem que é, em realidade, a origem do humano: sempre em outro lugar, em outro tempo. Em realidade, tratamos de reconstruir e contar nossa história, mas, em sua essência, ela nos é sempre um pouco *estrangeira*. Como se aquele humano do início da civilização, nos fosse sempre um pouco estranho: *um outro* (por mais que saibamos sua origem). Em paralelo, nossa origem – individual – também nos é sempre um pouco estranha/estrangeira. Nascemos no outro (mãe) e do outro (pai). Mesmo se um dia – na história da Cultura e na história de cada um – o homem ou o pequeno bebê, inserindo-se no mundo da linguagem, deixasse aos poucos de ser tão estranho/estrangeiro.

A bem dizer, sendo este, provavelmente, seu primeiro grande exílio: do mundo natural para o da Cultura. Ou, se preferirmos, do paraíso mítico de cada um para o mundo fora dele: expulso da relação dual exclusiva com a mãe, o que Segers (2009) precisamente nomeou exílio íntimo. Reafirmado, posteriormente – em boas condições –, para fora do lugar da onipotência plena da primeira infância aos limites impostos pela castração. Primeira grande fronteira.

Acercando-nos, agora, das terras da psicanálise. Que nos ensinam, impiedosamente: salvo raros momentos, somos todos exilados de uma condição idealizada. *Nós* somos o terceiro, nós somos – e sempre seremos – estrangeiros. O que sem tardar já afirmava a poesia de Rimbaud um século atrás: *Eu é um outro*.

Poderíamos já, neste momento ainda inicial, responder à pergunta-título deste artigo: afinal, com quantos exílios se faz um estrangeiro? A resposta seria simples: um

único, primeiro e inexorável exílio bastará para tornarmo-nos *estrangeiros*. Lançando-nos neste processo, ao solo do inconsciente, no qual ergueremos, cada um à sua maneira, nossas fronteiras (internas e externas - novamente, até onde a dicotomia é possível). Os eventuais deslocamentos posteriores seriam, então, secundários.

Estamos falando, portanto, do estranho-estrangeiro em mim, em você e em cada um de nós. Estamos falando de nossa vida mental (como nos mostrou Freud ao mostrar-nos o inconsciente) e também do nosso estranho-familiar (como continuou Freud, em seu conhecido *Das Unheimlich* de 1919). Kristeva (1988), grande especialista do tema, reiterou-o em seu belo trabalho: o estrangeiro, afinal, somos (todos) nós.

Havendo ainda outras variações do tema, acepções do estrangeiro: para Figueiredo (1998), o primeiro grande estrangeiro para a pequena criança será o adulto. Advertindo-nos: não somente o adulto 'com toda sua estranheza', mas, sobretudo, com sua sexualidade inconsciente, mais que tudo, estranha a ele próprio. Ainda para Freud (1923/1972), estrangeiro, um dia, foi também o *continente feminino*.

Apesar de toda a expansão do tema que encontramos na literatura, deparamo-nos com uma espécie de baliza importante, de ordem conceitual. Por um lado – para as Ciências Humanas e Sociais em geral –, o estrangeiro parece remeter-se antes ao imigrante, exilado, refugiado, expatriado. Por outro, para os autores da Psicanálise, o assunto parece majoritariamente fazer-nos voltar o olhar (também estrangeiro), sobretudo, ao 'outro dentro'. Suposta baliza que, no entanto, aludiria a uma noção mais fictícia que real - ou, se preferirmos, a uma noção construída. O Estrangeiro: um objeto da cultura e da cultura científica. E, como todo objeto da cultura – uma vez que construído –, carregaria, então, suas distintas interpretações e atribuições.

Assim, em nosso tempo, o estrangeiro tanto pode ser simbolicamente objeto de preconceito e de ódio: o pobre, o negro, o judeu, o homossexual, o louco – o que você quiser. Aqui, o estrangeiro (ou o estranho) é aquilo que não reconheço como sendo eu ou fazendo parte de meu reinado, então, o discrimino, recrimino e, finalmente, coloco-o para fora de meu circuito de signos familiares - este é o estrangeiro indesejado. Por outro lado, o estrangeiro pode ser objeto da mais alta idealização: aquele que atravessa as fronteiras gozando de plena liberdade, com sua capacidade de ir e vir, como se de nada, nem de ninguém, ele precisasse. Ele nos fascina, por ter sobrevivido à separação, disse-nos Koltai (2000). Mas desaparece, levando consigo nosso desejo, complementa Fédida (1992, como citado por Kacelnik, 2008).

Tal ambivalência levará Koltai a denominar o Estrangeiro, acertadamente, um conceito-limite. Diz-nos a autora: *A ambiguidade do lugar, a ambivalência da suposta dualidade, remetem-se antes de tudo, a uma fronteira imaginária – em suma, a um conceito limite*, (2000, p.17). Com bordas que por vezes caem, por outras se erguem - se justapõem, se aproximam e se distanciam – como toda e cada fronteira humana.

Atravessando, em última instância, não somente as disciplinas, mas a própria vida, em diferentes direções e dimensões: do tempo (histórico e cultural), da sociedade, do Inconsciente.

Foi o que vislumbramos nesta pesquisa. Que, como toda pesquisa, surgiu de questões subjetivas de quem pesquisa, aliadas à curiosidade.

Logo de início, encontramos diversos autores – da Literatura *per se*, mas também da Psicanálise – tratando do assunto de forma muito interessante, tais quais Grinberg (1984), Kristeva (1988), Koltai (2000), Nathan (2001), Segers (2009), entre outros. Muitos dos quais – se não todos – psicanalistas estrangeiros em outras terras de trabalho e domicílio. Assim como muitos psicanalistas ao longo da História o foram, a começar por Freud ele mesmo. De família judia, chegou a Viena aos quatro anos de idade, vindo de Freiberg, pequeno vilarejo da então Tchecoslováquia. Seu segundo exílio, conforme sabemos, foi em 1938 – de Viena a Londres, garantindo-lhe a vida por mais um ano, enquanto a ameaça de uma nova guerra e da perseguição aos judeus pairava sobre a Europa.

Ainda que seu segundo exílio tenha sido bastante breve, não é difícil pensar que a experiência vivida neste, traria consigo conteúdos daquele primeiro, aos quatro anos de idade. Reproduzimos aqui um trecho de sua primeira carta depois de sua chegada a Londres, às vésperas do início da Segunda Grande Guerra. Carta esta dirigida a Max Eitingon, um de seus primeiros discípulos (que fez, com outros, parte do conhecido ‘Grupo das Quartas-feiras’):

6-6-1938 - Querido amigo,

*(...) Te escrevo a primeira carta na casa nova... Tudo continua irreal, como em um sonho, e isto poderia ser a maravilhosa realização de um desejo onírico, não fosse a (...) A atmosfera destes dias é difícil de captar, para não dizer indescritível. Ao sentimento de triunfo que experimentamos ao nos vermos em liberdade, se soma uma porcentagem excessiva de tristeza, pois, apesar, de tudo, eu amava imensamente a prisão da qual me libertaram. O deleite de tudo que nos rodeia, se mistura ao descontentamento originado das peculiaridades do ambiente estranho.*

Freud (1938, como citado por Grinberg, 1984, pp. 254-256, tradução da autora).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Querido Amigo: (...) te escribo la primera carta desde la nueva casa... Todo sigue irreal, como en un sueño, y esto podría ser la realización maravillosa de un deseo onírico, si (...) La atmósfera de estos días es difícil de captar, por no decir indescritible. Al sentimiento de triunfo que experimentamos al vernos en libertad, se suma un porcentaje excesivo de tristeza, pues, a pesar de todo, yo amaba grandemente la prisión de la que me han liberado. Lo deleitoso de cuanto nos rodea... se mezcla con el descontento originado por las peculiaridades del ambiente extraño.

Dessa forma, tampouco se torna difícil inferir que a questão do exílio (na etimologia da palavra: *exilar-se = ir para fora do lugar*), tratada ou não diretamente por aqueles autores da Psicanálise enquanto tema, estaria mesmo no cerne de sua produção e criação, uma vez que arraigada em suas subjetividades. Ou, ainda, na ‘raiz’ da própria Psicanálise: ela mesma, considerada *um saber exilado* - ou seja, para fora das ciências cartesianas predominantes ou de qualquer outro saber.

Neste momento da pesquisa, uma olhada sobre a bússola entreviu a retomada de coordenadas - e fez-se necessário um recorte importante, uma nova fronteira necessária: após tudo, sobre *quais* estrangeiros pensar? Esta foi a segunda grande pergunta dessa trajetória. Quem seriam os sujeitos desta pesquisa, que não se pretendia somente teórica?

E, apesar de considerarmos de suma importância que os impostos movimentos em massa - tais quais os dos refugiados, exilados, imigrantes - sejam pensados e estudados, optamos por debruçar-nos sobre as “pequenas histórias” (Segers, 2009) de cinco sujeitos: cinco indivíduos que se deslocaram pelo mundo.

Cinco pessoas que, por algum tempo (estipulamos o mínimo de dois anos sequenciais), encontraram-se distantes de seu país/cultura/língua de origem, inseridos em outro país/cultura/língua, vivendo, ou, dito de outra forma, trocando psiquicamente com esse novo ambiente, com essa nova cultura, em maior ou menor grau.<sup>4</sup> Apesar de não predefinirmos seus lugares de origem nem de destino, optamos por restringir que seu idioma de origem - ou ao menos de grande domínio - fosse o Português, o Inglês, o Francês ou o Espanhol: idiomas com os quais poderíamos efetuar o encontro com eles sem necessitarmos de tradutores/intérpretes.<sup>5</sup> Não definimos nenhuma outra categoria.

A partir de agora, outra fronteira: a que existe entre o Eu e o Nós. Intencionalmente, ora direi eu (a pesquisadora), ora direi nós (eu, juntamente com o orientador e os colegas de pesquisa, pensando juntos).

Travei com esses cinco sujeitos encontros na forma de entrevistas abertas, não dirigidas, que tinham como gatilho inicial o convite para *‘que falassem de sua experiência enquanto estrangeiro’*. A duração não era pré-definida, os conteúdos eram posteriormente transcritos e, em grupos de orientação, escutados e pensados, ao modo de ‘supervisões’ - onde, então, pensamentos atravessados pela teoria psicanalítica eram tecidos.

<sup>4</sup> A exemplo do ‘menor grau’ de troca psíquica com o novo lugar, encontraríamos de forma icônica os guetos étnico-culturais, de certa forma ‘fechados em si mesmos’, tais quais *chinatowns* espalhadas pelo mundo, onde, muitas vezes, os indivíduos não aprendem/apreendem a nova língua, nem a nova cultura, nem realizam trocas significativas com este novo ambiente - fora dos guetos -, a não ser o mínimo necessário para sua subsistência.

<sup>5</sup> Afora o português - seu idioma de origem - a pesquisadora é formada nesses três outros idiomas pela Organização das Nações Unidas (Genebra e Nova Iorque), além de utilizá-los no dia a dia praticamente há cerca de vinte anos. Trata-se, portanto, de idiomas que lhe são de grande familiaridade e que lhe permitem o recurso da entrevista diretamente no idioma dos sujeitos entrevistados, dentre as quatro opções citadas. Os trechos teóricos de outros autores utilizados ao longo deste trabalho foram vertidos para o português pela autora.

Com exceção de um exilado político, os quatro sujeitos que entrevistei buscaram o prosseguir de suas vidas em outras terras, não por razões impostas. Ao menos a imposição ‘não vinha de fora’ (Grinberg, 1984). Aqui, faço lembrar, alguns autores diferenciarão conceitualmente os sujeitos que desejam migrar daqueles que se exilam em condições impostas. Tal qual disse-nos Kacelnik, a partir de sua experiência de análise com pacientes estrangeiros: *Aqueles que migram para construir uma nova vida (voluntariamente) sentem a experiência de maneira muito diferente daqueles que abandonam a terra-mãe para se salvar.* (2008, p. 6)

Por outro lado, podemos também argumentar com outros autores que, todos, de uma maneira ou de outra, ao migrar, independentemente das condições em que o fazem, sofrem algo em comum – algo da ordem da ‘metamorfose’, disse-nos Segers (2009). Metamorfose esta que, segundo a autora, seria justamente o fato de *tornar-se outro*: a figura do estrangeiro. Enquanto nas palavras de Lagarde (2004), enfim, encontramos algo que diria respeito a uma *ideia* mais ou menos consensual entre os autores (a despeito das imensas diferenças teóricas e práticas), qual seja: o deslocamento, o exílio, o atravessar de fronteiras são sempre suscetíveis de produzir modificações psíquicas profundas. Compreensão esta também muito bem descrita por Mezan (2010).<sup>6</sup>

Assim também entendi e segui adiante. E uma vez de encontro com os cinco sujeitos desta pesquisa e com os ricos conteúdos desses encontros, meus questionamentos iniciais – que, resumidamente, eram uma vez mais: “Quais os registros psíquicos/emocionais, da experiência de *ser/viver um estrangeiro*”, tornaram-se mais complexos ou, talvez, mais ramificados. *O quê ou o quanto do mundo psíquico deste sujeito que migra o fez migrar? Quais as fantasias, os movimentos internos, inconscientes, desconhecidos dele próprio, subjazem aos seus movimentos externos, ao seu processo de deslocamento pelo mundo? Que desejo o impulsionou, para além das fronteiras? Que fronteiras são essas de fato?*

Certamente, nem tudo poderia ser esclarecido. Devia me limitar – como toda e qualquer pesquisa acadêmica impõe seus limites – com o que era possível *escutar*, dentre o recorte metodológico.

No entanto, para nossa surpresa, diante da pergunta-convite citada (*Conte-me sua experiência enquanto estrangeiro*), disseram-nos das mais variadas ‘coisas’. Coisas estas psíquicas que, para além da articulação com a experiência do *estrangeirismo*,

<sup>6</sup> O psicanalista aqui pode se sentir à vontade, pois é algo que ele conhece bem: o conflito identitário. Nossa identidade - aquilo por meio do que nos reconhecemos como “nós mesmos” - resulta de um amálgama de identificações, ou seja, da incorporação de modelos oferecidos pelo ambiente em que vivemos. Tais modelos veiculam valores, comportamentos e atitudes que precisam ser investidos pelos membros daquela sociedade para que ela possa funcionar adequadamente (...) Refiro-me a coisas como nacionalidade, religião, crenças políticas, modos de vida que consideramos desejáveis e a outros fatores do mesmo gênero, cuja influência sobre as pessoas se enraíza em setores do psiquismo muito mais profundos que o ego consciente e racional. (...) É por este motivo que a experiência da imigração costuma ser desestabilizadora. (Mezan, 2010, p. 119).

do transitar, do ‘buscar lá fora’, revelaram seus movimentos internos e suas histórias subjetivas ricas, únicas e mais profundas.

Assim disse Kristeva (1994, p. 12):

*Uma ferida secreta, frequentemente desconhecida dele próprio, lança o estrangeiro na vida errante. Mas esse mal-amado não a reconhece, o desafio calando nele, a (própria) queixa.*

Os sujeitos de nossa pesquisa, compreendi, eram igualmente *donos de uma ferida secreta que, outrora, os puseram em marcha*, carregando seus sotaques e bagagens: ou seja, suas *subjetividades*, em busca de algo muitas vezes desconhecido deles próprios - ainda que cobertos de outras razões quaisquer.

Atravessando fronteiras, sem queixa. Sem sequer terem me procurado - eu os procurei. Apostando, agora, num pensamento de Nathan (2001):

*(...) o que quer que digam, o exílio é um sofrimento, dos mais agudos (...) feito da esperança sempre frustrada de um retorno às alegrias de um outro tempo. Mas é também uma aventura (...) à condição de encontrar um lugar onde devolver um dia, a experiência acumulada (...) (p.47).*

Dessa forma eu, naquele lugar de psicanalista-pesquisadora, apostei em ser, ainda que brevemente, este lugar da escuta – ou pelo menos, de *uma* escuta -, para essas experiências acumuladas. Que foram, por sua vez, articuladas na monografia final e, conforme dito, posteriormente transformada em livro.<sup>7</sup> Do qual compartilho aqui alguns brevíssimos fragmentos, intencionalmente não identificados:

*Não sabia muito bem como ir buscar pedaços de vida (...) L., recém-chegada ao Brasil, após seis anos em outros países. Falava em relação a ‘se ver novamente em um novo país’, sem falar a língua, sem visto, ‘sem projeto’.*

*(...) Esse medo do desconhecido, do que vem de outra parte... as pessoas têm medo do que não é conhecido, do que é diferente. Por que ele decidiu isso? Por que ele é tão decidido em sua escolha?, devem pensar de mim (...) M., há 15 anos no Brasil. Sua própria impressão a respeito de seus conterrâneos.*

*(...) Ainda não sei se eu quero ficar aqui para sempre. Mas eu quero tentar. Tenho na minha cabeça que eu preciso fechar um ciclo, antes de ir para outro lugar. Não dá pra continuar essa vida nômade... (...) L., de retorno ao Brasil após seis anos no exterior.*

<sup>7</sup> Antonelli, 2015.

(*Língua materna*) É a língua parental que aprendemos primeiro, ou a qual nos sentimos mais confortáveis para falar depois que perdemos nossas raízes? M., ex-professora de Idiomas. Fora de seu país de origem desde os 6 anos de idade.

À moda de um salto olímpico, tentarei agora atingir o momento final desta pesquisa a respeito das articulações e pensamentos construídos – dos quais, igualmente, veremos somente algumas passagens ilustrativas, pelos limites do espaço. Necessariamente, extremas reduções desses conteúdos e que, neste momento, aparecerão intencionalmente de forma desvinculada de qualquer identificação. *Sonhamos* suas histórias. Como quem lê um livro de cabeceira antes de adormecer e sonha com aquilo que leu.

Penso poder dizer que escutei de nossos sujeitos em nossos encontros, quase de forma consensual, o que já apontara Grinberg (1984): que o desejo de partir, por mais que possa se cobrir de razões externas que o justifiquem, remete-se sempre a uma origem interna mais profunda.

A partir do relato de um deles em específico e, a partir da teoria kleiniana a respeito dos processos de internalização, acredito ter escutado que os jogos de idealização e projeção, como num fogo cruzado, podem e cruzam o campo entre o estrangeiro e o outro lugar (a se chegar) de maneira tão intensa: para, justamente, nele se poder chegar – ainda que de forma idealizada.

Acredito ter escutado, ainda, o quanto seus *romances familiares* (ou assim chamarei, inspirada no texto freudiano de 1909) pareciam tanto atravessar seus caminhos – internos e conseqüentemente externos -, levando-os, às vezes, a tão longe: mas em busca, justamente, desse lar – ou ao menos aspectos deste - que um dia foi.

Ainda, pareci escutar o quanto aquele que se sedimenta em seu suposto '*lugar de estrangeiro*' pode pagar um preço alto por isto. O lugar (subjetivo) aparentemente confortável de quem se percebe como que de passagem – não importando o tempo de sua estada -, na tentativa de manter o outro e o outro lugar a alguma distância aparentemente protegida, e assim também desfavorecendo, em certa medida, os vínculos afetivos.

Falaram ainda – ou acredito ter escutado em suas palavras que buscávamos decifrar – que, com o exílio político imposto, o trauma, entre outros, é o da separação não ritualizada. Podendo levar, neste caso, a uma fala calada, *desafetada*, de silêncios gerados pelo lugar suspenso, uma vez que arrancado (Grinberg, 1984).

Todos, enfim - e isto talvez não seja novidade -, parecem ter dito que seus movimentos externos eram-lhes, como poderíamos supor, muito próximos aos internos. Melhor dizendo, deles eram frutos e produtos. Deles eram, talvez, um espelho.

Como se este ir e vir, este andar por entre países de forma tão persistente, se desse numa espécie de 'quintal estendido': para a vivência (e em certos casos também



*atuação*, uma vez que movimentos aparentemente *não pensados*) de dinâmicas internas mais profundas. Como se o quintal da infância<sup>8</sup>, hoje com suas bordas estendidas ao mundo, possibilitasse um *brincar* por entre fronteiras, sem precedentes. Com suas consequências. Como poderia ser no caso do exílio, que Segers (2009) chamou de patológico: o nem lá e nem o cá. Um vagar sem destino, sem lugar, sem objeto.

A experiência do exílio – ir para fora do lugar –, sobretudo quando de forma não pensada, seria ainda entendida por alguns autores como uma espécie de ‘análise selvagem’. Um investigar-se do sujeito sobre si mesmo: o deslocamento pelo mundo, atravessando fronteiras externas e, seguramente, internas também (o filme *Into the wild* - Na natureza selvagem talvez retrate esta ideia).<sup>9</sup> Devido, entre outros aspectos, ao proporcionado distanciamento de si: como um olhar, para dentro. O que cada um de nós e de nossos pacientes vivenciamos, ao deitarmos-nos em um divã.

E, aqui, chegamos a um momento importante deste trabalho: os sujeitos desta pesquisa não se encontravam em processos de análise. Não eram pacientes e, conseqüentemente, um processo transferencial não se encontrava em curso. Ainda assim, acreditamos que uma escuta psicanalítica tenha sido possível. Uma escuta fora do consultório – estendida à pesquisa acadêmica -, ao *pé do psiquismo* (Roussillon, 2012). As compreensões que construímos, atravessadas pela teoria psicanalítica, foram certamente da ordem das hipóteses. Vislumbrando um pouco o que, num espaço de análise – com seu *setting* ou enquadre habituais –, costuma acontecer: o encontro com ‘o estrangeiro’, por excelência - o que já nos havia anunciado Fédida (2009).

Vislumbrando, enfim, o atravessamento dos limiares em cada um de nós: das margens, das beiras, de nosso Inconsciente - esta terra de ninguém. Tendo no horizonte deste infinito território o analista – nós e os nossos -, estes grandes estrangeiros. A análise, afinal, este solo estranho, de topografia por vezes vertiginosa. A dupla - analista e paciente -, por sua vez, tão forasteira: tão estranha, mas, ao mesmo tempo, *tão familiar*.

<sup>8</sup> Se afinal *somos de nossa infância como somos de um país*, conforme teria dito o poeta Antoine de Saint-Exupéry.

<sup>9</sup> Penn, S. 2007.

## Com quantos exílios se faz um estrangeiro?

### How many exiles does it take to make one a foreigner?

**Abstract:** The first part of the article addresses and articulates the main concepts of the psychoanalytical literature regarding the proposed theme. Following, the author presents excerpts gathered from her meetings with the individuals that attended her research: five 'foreigners'. She then raises a dialogue between the theory and these contents, with the use of psychoanalytic hearing as a tool of investigation. At last, she discusses the human displacement among nations so present in our culture nowadays.

**Keywords:** foreigner; research in psychoanalysis; exile.

### ¿Con cuantos exílios se hace un extranjero?

**Resumen:** El inicio del artículo aborda y articula a los principales conceptos de la literatura psicoanalítica acerca del tema propuesto. A continuación, la autora presenta breves pasajes de los contenidos, frutos de su encuentro con los sujetos de la investigación: cinco 'extranjeros'. Al final, ella teje un breve diálogo entre la teoría y los testimonios de estos sujetos, usando la escucha psicoanalítica como herramienta de comprensión investigativa. Argumenta, todavía, sobre el desplazamiento humano entre naciones, tan presente en nuestra cultura en los días actuales.

**Palabras clave:** extranjero; investigación psicoanalítica; exilio.

## Referências

- Antonelli, C. C. (2015). *O Estrangeiro: eu e você*. Berlim: Novas Edições Acadêmicas.
- Fédida, P. (2009). *Le Site de l'Étranger: la situation psychanalytique*. Paris: PUF.
- Figueiredo, L.C.M. (2006). A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein: o que isto pode significar? *Jornal de Psicanálise*. 39 (71), 125-150.
- Figueiredo, L.C.M. (1988). A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro em Koltai, C. (org.) *O estrangeiro* (pp.61-75). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1987). A Interpretação dos Sonhos. In: S. Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1980). Romances Familiares. In: S. Freud *Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1976). O Estranho. In: S. Freud *Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1972). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade In: S. Freud *Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol 19). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1923).
- Grinberg, L. R. (1984). *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza.
- Kacelnik, J. (2008). Em que língua teria Édipo conversado com a Esfinge? *Revista IDE*, 31(47), 98-104.
- Klein, M. (1991). Inveja e Gratidão e outros trabalhos, 1946-1963. In M. Klein. *Obras Completas de Melanie Klein* (Trad. da 4ª. ed. inglesa por E. Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves (coord.)), Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago.
- Koltai, C. (Org.). (1998). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Koltai, C. (2000). *Política e Psicanálise: O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Kristeva, J. (1988). *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard.
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. (M.C.C. Gomes, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lagarde, P.S. (2004). Seminário “Qu'est-ce que l'Étranger?”, Parole Sans Frontière, Paris. Recuperado em 07-06-2013 <<http://www.p-s-f.com/psf/spip.php?article73>>.
- Mezan, R. (2010). Nasra e seus irmãos: sobre os limites da tolerância In: G. Axt e F. Schuler (Org.). *Fronteiras do Pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Nathan, T. (2001). *Nous ne Sommes pas Seuls au Monde*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/Le Seuil.
- Penn, Sean. (2007). *Into the wild* (Na natureza selvagem). (filme).
- Roussillon, R. (2012). *Manuel de pratique clinique*. Université Lyon II : Elsevier Masson.
- Segers, M.-J. (2009). *De l'exil à l'errance*, Paris: Erès.
- Urribarri, F. (2012). Legado de André Green: recordar, elaborar, assumir. *Jornal de Psicanálise*. 45(82), 245-247.

Cláudia Cristina Antonelli  
 Rua Giuseppe Verdi, 50 – sala 9  
 Campinas, São Paulo  
 claudia.antonelli@gmail.com